



# Corrente Proletária NA EDUCAÇÃO

☎ (11) 95446-2020 | pormassas.org | @massas.por | anchor.fm/por-massas

Corrente do Partido  
Operário Revolucionário

Membro do Comitê de Enlace  
pela Reconstrução da  
IV Internacional

cpe.ufabc@gmail.com

Ano II – Nº 14 – 09 de agosto de 2023

## **Que o Dia do Estudante seja o ponto de partida do ME para enfrentar os governos e os capitalistas!**

O dia 11 de agosto, Dia do Estudante, é normalmente utilizado para realizar manifestações em defesa da educação pública no país. As entidades estudantis oficiais, UNE, UBES, ANPG etc., chamaram para as manifestações deste ano com a plataforma de “Reconstruir a educação: assegurar o orçamento da educação e revogar o novo ensino médio”. É curioso observar que em nenhuma chamada dessas entidades nas redes sociais encontramos o nome de Lula ou referência direta ao seu governo. Isso indica que as direções, em especial a recém-eleita direção da UNE (PCdoB e PT), estão pressionadas pelas bases a combater um corte do governo que elas apoiam. No Congresso da UNE, no mês passado, o governo foi convidado para participar e teve amplo espaço no palanque. Em troca, esse mesmo governo, no dia 28 de julho, anunciou corte de R\$1,5 bilhão, que recaiu principalmente nas áreas de educação e saúde.

Trata-se do segundo contingenciamento do ano, que já totaliza R\$3,2 bilhões. Em maio, houve o bloqueio de R\$1,7 bilhão dos Ministérios das Cidades, Transporte e Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. É bom lembrar que até ano passado os cortes realizados pelo governo Bolsonaro geraram mobilização com o Tsunami da Educação. Não podemos deixar que o Tsunami vire agora uma “marolinha”.

A Corrente Proletária Estudantil do POR participa dessas manifestações com uma linha política oposta dessas direções, denunciando o governo de frente ampla, que ataca a educação. Mostra a raiz dessas medidas antipopulares de Lula/Alckmin, que correspondem à defesa dos interesses dos capitalistas.

O governo Lula ainda conta com o apoio de grande parcela da população, mas que, dia após dia, tem percebido que não é um governo que vai defender seus interesses e resolver seus problemas, principalmente a fome, a miséria, o desemprego, a

informalidade, a educação precária etc. É um governo que, para garantir o pagamento dos juros da dívida pública aos bancos e grandes capitalistas, criou um novo teto de gastos, chamado de arcabouço fiscal, e por isso está cortando verbas da saúde e educação. É um governo que manteve o salário mínimo de miséria de R\$1.320,00, quando o necessário para uma família se sustentar é R\$ 6.528,93, segundo o DIEESE. É um governo que se nega a revogar as contrarreformas dos governos Temer e Bolsonaro, como a trabalhista, previdenciária e ensino médio, bem como a lei da terceirização. Portanto, é um governo que não faz uma ruptura com os governos anteriores, mas dá continuidade naquilo que é mais importante, sua diretriz econômica, que afeta a vida da maioria oprimida do país.

## **A política proletária e revolucionária para a juventude**

A Corrente Proletária defende a realização de assembleias nas escolas e universidades para formar uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin, que seja capaz de responder aos ataques do governo federal e dos governos estaduais. A oposição revolucionária não se confunde em nada com a oposição bolsonarista, ao contrário se choca com as posições da ultradireita, pois deve ter programa próprio de reivindicações dos trabalhadores e da juventude oprimida: emprego para todos; aumento geral dos salários e reajuste de acordo com o aumento do custo de vida; revogação das reformas trabalhista, previdenciária e do ensino médio; fim das terceirizações e efetivação de todos os terceirizados; abaixo os cortes na saúde e educação; por um sistema de ensino único, público, gratuito, laico e vinculado à produção social. Contra as privatizações, pela reestatização, sem indenização, das empresas privatizadas e controle operário. Essas reivindicações só poderão ser conquistadas com a luta e organização dos estudantes junto à classe operária e demais trabalhadores, com seus métodos próprios.

## **59º ConUNE não serviu para impulsionar o movimento estudantil**

O 59º Congresso da União Nacional dos Estudantes (ConUNE) reuniu cerca de 10 mil jovens de todo o país, mas não serviu para aprovar um plano de lutas capaz de enfrentar os problemas da juventude e da maioria oprimida. A total subordinação ao governismo por parte da direção, encabeçada pela UJS/PCdoB e PT bloqueia a mobilização estudantil.

Desde 1979 a UNE se mantém nas mãos da UJS/PCdoB, com exceção apenas do período de 1987-91, quando o PT ocupou a presidência da entidade. Para manter o controle burocrático, essa corrente aparelhista e degenerada, que usa a UNE como trampolim político, se vale de todo tipo de acordo com partidos burgueses e de fraudes.

Uma das formas de manter o poder é impedir a politização dos estudantes. Isso se dá por meio da dispersão, provocada pelos imensos atrasos e desorganização logística com a alimentação, transporte e alojamento. Desta vez, chegaram ao absurdo de cancelar as plenárias sobre o movimento estudantil.

Ao mesmo tempo em que eliminou espaços democráticos de debate entre os estudantes e de expressão das correntes opositoras, a direção burocrática da UNE transformou o Congresso em um enorme palanque para politiquês burgueses, que tiveram toda a liberdade para iludir a juventude.

Forma e conteúdo estão ligados: a forma burocrática e festiva serve à política de conciliação de classes, entorpecendo a consciência da juventude. A democracia operária e a disciplina (necessária para aproveitar ao máximo o tempo e presença de milhares de jovens) estão ligados à política revolucionária, que depende da politização da juventude para debater e aprovar as bandeiras e métodos mais ajustados à realidade. Somente uma juventude consciente e ativa pode voltar do Congresso e organizar, em seus locais de estudo, a luta pelas reivindicações.

A lei de cotas, aprovada em 2012, com a indicação de revisão após 10 anos, teve grande destaque no Congresso. Todas as correntes se embocaram na defesa da manutenção ou ampliação da política cotaista. A reivindicação de acesso de toda

a juventude ao ensino superior público foi abandonada, enquanto as direções se adaptaram ao privatismo e ao corporativismo. O discurso democratizante encobriu a política de mercantilização da educação através do ProUni e do Fies.

A CPE defende que se aplique as cotas e rechaça os ataques direitistas, meritocráticos e racistas a elas. É preciso, porém, aprender com a experiência. As cotas não foram e não serão capazes de eliminar o racismo ou de acabar com a exclusão da juventude do ensino superior. Assim como as demais ações afirmativas, não modificam a condição de miséria e opressão que assola a maioria negra e pobre do país e que se agravou na última década. Por isso, levamos ao Congresso as bandeiras de fim de toda forma de exame de ingresso, pelo livre acesso de todos que queiram estudar.

Para isso é preciso expropriar a rede privada e constituir um sistema único de educação, público, gratuito, científico, vinculado à produção social e controlado pelos que estudam e trabalham. Para garantir a universalização da educação superior, com financiamento de acordo com as necessidades da comunidade é preciso romper com o pagamento da dívida pública. Essas lutas colocam a juventude no campo da política do proletariado para transformar, pela via revolucionária, a propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Esse caminho é o único capaz de atingir as raízes de classe da opressão sobre a mulher, negros, indígenas, homossexuais e transexuais.

Neste Congresso, a “oposição” se dividiu com a adesão de setores do PT ao aberto governismo. Correntes que construíam a Oposição de Esquerda, como Correnteza (UP/PCR), UJC (PCB), Juntos (MES/PSol) não se diferenciaram programaticamente, apresentando variações da mesma política, envernizada com algumas críticas. Outros grupos que retornaram à UNE, após o fim da ANEL, como a Juventude do PSTU e a Faísca/MRT, defenderam uma oposição classista, mas sem projeção.

A Corrente Proletária Estudantil chama as correntes e estudantes que se opõem ao governismo para erguer uma oposição democrática e combativa no interior da UNE. A oposição aparelhista, que no fim das contas tem a mesma política, não nos serve. Mas uma frente única em torno das reivindicações e métodos de luta terá grande valor para ajudar a colocar as massas trabalhadoras e estudantis em movimento.